



PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Thursday 13 May 2010 (afternoon)

Jeudi 13 mai 2010 (après-midi)

Jueves 13 de mayo de 2010 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

As figueiras, este ano, cobriram-se de mais e melhores figos, como se quisessem demonstrar a sua pujança no Verão da despedida. Avistava-as do meu terraço da casa velha e punha-me a pensar naquele desperdício enorme da natureza, tão generosa a oferecer os seus pomos e tão humilde a aceitar a recusa dos homens. Restam-lhe as aves, os insectos, as mil criaturinhas que
5 lhe devoram os dons e lhe agradecem os frutos. Não rejeita nenhum sugar de abelha, nenhum debicar de passarinho, nenhum roçar de libelinha, nenhum zumbir de moscardo.

Já, nos últimos dias, pressentia, mais do que via, uma corrida de lebre, um esvoejar de perdiz. Preocupava-me toda aquela fauna, toda aquela flora, toda aquela beleza, fotografava-a da minha varanda, mas o resultado ficava tão aquém da realidade que me apercebi,
10 logo ao primeiro rolo, da inutilidade desta tentativa de registo. Era apenas um bocado de mata igual a mil bocados de mata que existem por esse país fora, nada a identificava como o meu bocado de mata, se não fosse em algumas fotografias aparecer em primeiro plano um ramo de glicínias do meu terraço, em outras uma nesga de rio correndo ao fundo.

Do mesmo se queixa a Filomena, que fez centenas de fotografias da aldeia,
15 dos habitantes, dos acontecimentos, mas não lhes encontra o flagrante deste destino diferente, não perpassa nelas, à excepção de alguns olhares onde a água espreita, nenhuma ameaça de aniquilamento, nenhum prenúncio de morte. Quem não conhecer a história julgará tratar-se de uma aldeia tranquila, com o seu remancho¹ alentejano, a sua soalheira², o seu folclore.

Decorreu uma eternidade entre o último dia em Rio do Anjo e o dia seguinte, o da mudança
20 definitiva para a aldeia nova.

Porque não há calendários que marquem o nosso tempo interior, séculos que podem separar o meu eu de hoje do meu eu de amanhã, as complexas e sinuosas medidas da memória, das memórias, os atalhos entre o que deixamos e o que esperamos encontrar. Existe também o estranho desencontro de ter o corpo num lugar e a alma em outro, de já estar lá ou de ainda
25 não estar aqui.

A mudança não foi fácil, nem física nem espiritualmente. Dizem os chineses que três mudanças igualam um incêndio, esta é a minha segunda mudança, tentei despachá-la com um mínimo de prejuízo.

Mas alguma coisa mudou, também, nas almas, na minha talvez, na da Filomena seguramente.
30 Parecemos um pouco outros, tudo isto nos afectou para além do razoável. No último dia da casa velha encontrei a Filomena a soluçar, o que tens, não sei, se é comigo não te preocupes, se é pelo compromisso estás livre, e ela, tive um sonho que me afasta de si, e tenho um pressentimento de que estes dias felizes não voltam, tudo na aldeia nova vai ser difícil, carregado de nuvens negras e presságios.

Tentei animá-la, embalei-a nos meus braços já tão carentes de contornar aquele corpo, vai tudo correr bem, meu amor, vamos ser felizes, é uma jura, mesmo que tenhamos de passar maus bocados como este, em que estamos a ser invadidos pela mágoa da aldeia, é um adeus sem retorno e temos o coração afogado ainda antes da subida das águas.

Ela não contestou. Disse *não sei, não sei*, mas sabemos nós alguma coisa?

Rosa Lobato de Faria, *O Prenúncio das Águas* (adapt.), Portugal (1999)

¹ remancho: indolência

² soalheira: calor

2.

Dos Avós

Sei que os avós conversam nas varandas
Da casa que respira no caminho
Alguém se esconde entre lençóis de linho
E os leitos, doidas naus de velas pandas¹...

5 A tarde, pátio largo de cirandas²,
Vai girando nas asas de um moinho,
Nuvens sempre florindo em desalinho
Arrastam para longe suas landas³.

Um realejo toca além da lua.
10 Infâncias ressuscitam tardes mortas,
E o sono das janelas sonha a rua.

O pião do dia roda entre destinos,
Estranhamente vão se abrindo as portas,
E somos novamente esses meninos!

Paulo Bomfim, *Poetas Paulistas*, Brasil (2004)

¹ pandas: inflados

² cirandas: cantigas e danças populares

³ landas: charnecas arenosas
